

PERIGO NA ESQUINA

ARTE ENRIQUECE TRATAMENTO MÉDICO PARA ADAPTAR SOBREVIVENTES DE ACIDENTES DE TRÂNSITO A NOVA REALIDADE

Fotos: Francisco Stuckert

PTÂNIA JOBIM

Para cada vítima fatal do trânsito brasileiro, outras 10 sobrevivem com lesões de diversos graus de severidade, muitas vezes, com seqüelas permanentes e irreversíveis. Os dados estatísticos são assustadores e, mais ainda, quando se vê crianças, adolescentes e adultos em cadeiras de roda, camas hospitalares ou com dificuldade de locomoção. Esta é uma realidade desconhecida ou sabida e esquecida por muitos, que preferem acreditar que a morte ainda é a principal consequência dos acidentes de trânsito. Os sobreviventes precisam refazer suas vidas e se adaptar a uma nova realidade, que em muitos casos, traz um ônus não só para eles, mas também para seus familiares.

O Hospital Sarah de Brasília, bastante conhecido e procurado por pessoas de todo o País, para o tratamento de problemas no aparelho locomotor, não trata apenas do problema físico do paciente acidentado, mas desenvolve também um trabalho especial, baseado na criação artística, através do seu Centro de Criatividade. O objetivo desta atividade é sensibilizar os pacientes para que encontrem saídas criativas diante da nova realidade em que se encontram. Eles desenham, pintam e fazem esculturas, muitas delas com material fornecido pelo próprio hospital, como caixas de remédios, pinças e tesouras cirúrgicas, limpas, de plástico. O resultado final é utilizado pelo Sarah, como objeto de decoração em suas várias alas.

“Os pacientes, principalmente adolescentes são mais concentrados do que as crianças que não têm problemas de locomoção. O fato de ficarem parados faz com que tenham uma outra percepção do desenho e utilizem o papel como um refúgio”, afirma Antônio Delci, professor do Centro de Criatividade. Ele orienta as atividades tradicionais de escolinhas de arte, como pintura em guache, massa de modelar, cerâmica, desenho, colagem e montagem. A função, além da expressão artística, é também de uma terapia ocupacional. “O clima é informal, cada um faz o que tem vontade. Daí surgem soluções plásticas originais, fruto da improvisação e invenção dos pacientes”, acrescenta.

Um dado curioso para ser observado é que o resultado final dos trabalhos artísticos revela uma multiplicidade de expressões de artes regionais, pois o hospital recebe pacientes de precárias condições econômicas e procedentes de diferentes partes do País. O Centro atende pacientes de todas faixas etárias, mas é dividido por turmas de crianças, adolescentes e adultos. Claro que nem tudo é feito de forma rígida e, muitas vezes, eles se misturam. “Acontece muito deles estarem aqui desenhando e, de repente, sentirem dores. Aí temos de suspender tudo para, só mais tarde, retornarmos”, diz Delei.

A autora do projeto do Centro de Criatividade, como terapia ocupacional de auto-



O Centro de Criatividade do Sarah tem descoberto vários artistas entre os pacientes

expressão, é Maria José Costa Souza, a Zezé, como é chamada carinhosamente pelos pacientes. Ela desenvolve esta atividade desde a primeira fase do Centro, que foi de 1981 a 90. Depois disto, o local ficou fechado e só reabriu em dezembro de 94. “Já trabalhei com pessoas com problemas seríssimos de locomoção, mas que se descobrem verdadeiros artistas. Recentemente tivemos uma criança que pintava maravilhosamente com a boca”, conta Zezé. Para ela, é mais fácil o trabalho com crianças, que desde cedo são obrigadas a conviverem com

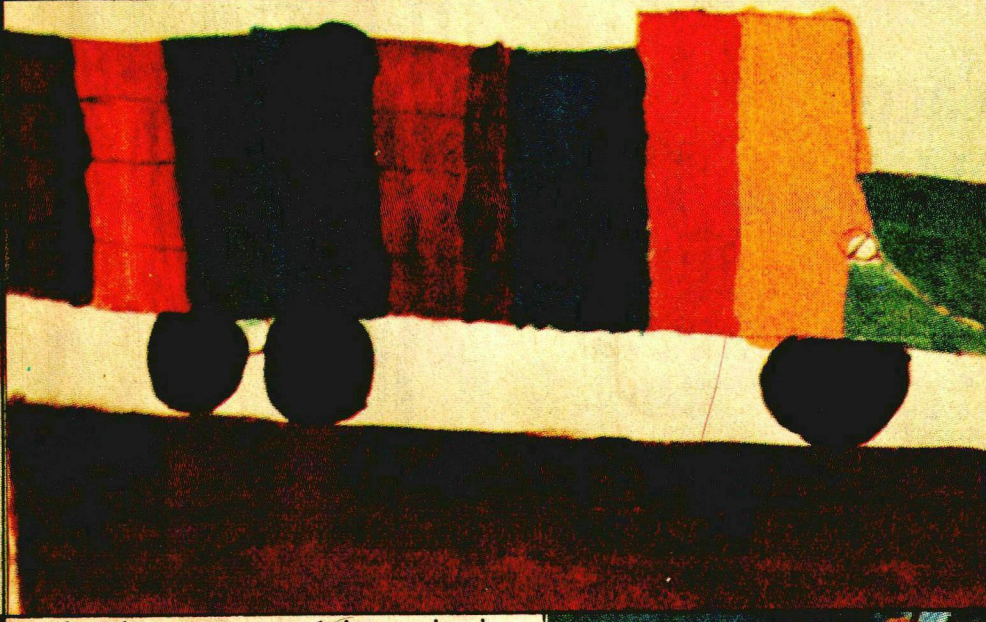
suas limitações de movimentos, do que com adultos, que nunca tiveram nenhum problema e, de uma hora para outra, se tornam paraplégicos ou tetraplégicos. “É muito difícil para o adulto se adaptar a esta nova realidade e muitos se recusam a participar das atividades do Centro, durante um longo tempo”.

Não há um número fixo de pacientes no Hospital Sarah e, menos ainda, um número certo para os frequentadores do Centro de Criatividade. Muitos deles ficam lá só o tempo de fazer

Antônio Cunha



Uma exposição vai reunir trabalhos como o de Cláudio Roberto, baseados na violência do trânsito



Os desenhos têm características regionais

Violência no Trânsito é o tema da exposição, que vai reunir desenhos e pinturas dos pacientes do Sarah, no espaço aberto do hospital, no próximo dia 21. Haverá também shows musicais e vídeos, além de uma exposição de carros antigos, no pátio do hospital. O tema foi escolhido por afetar grande parte dos pacientes, muitos vítimas desta violência. Os desenhos refletem situações vivenciadas, como atropelamentos ou motoristas dirigindo embriagados. Os trabalhos estão sendo preparados por crianças, adolescentes e adultos.



Uma das atividades é a pintura em guache

uma cirurgia e a fisioterapia necessária e, logo depois, recebem alta. Outros, com problemas mais graves, ficam mais tempo e, muitos, vão e voltam, quando as dores começa, a “apertar”, para amenizar o ócio e diminuir um pouco a solidão dos pacientes que têm família em outras cidades a atividade artística cai com o uma luva. “Esta atividade fortalece e aumenta a auto-estima do paciente, além de contribuir para a formação da personalidade de um ser mais consciente e participativo”, conclui Zezé.